

# Ressaca Literária

Ano 1, Nº 2. outubro, 2017

revista de poesia, prosa et cetera



bem-te-vi

Apoio:



• ACADEMIA DE INGLÊS •

**Washington®**



**MOTOS PRIME**

NOVAS - SEMINOVAS - CONSIGNADAS



CORRETA

**PRIME**



**TÍTULO:** Ressaca Literária

**PREFIXO EDITORIAL:** 922619

**NÚMERO ISBN:** 978-85-922619-5-5

**TIPO DE SUPORTE:** papel

**EQUIPE EDITORIAL**

**DIREÇÃO GERAL:**

Wellitania Oliveira

**COORDENADOR DE REDAÇÃO:**

Lucas dos Santos Costa

**REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:**

Daniela da Silva Faria Vieira

Elane Aparecida M. Santos Milhomem

Euler Moura da Silva

João Ferreira Filho

Kamylla Rodrigues Milhomens

Lucas Peres

Raquel de Castro Pereira

Ramon Wesley de Freitas

Thallison Henrique de Souza Assunção

**DIAGRAMAÇÃO:** Natan Fernandes

**PROJETO GRÁFICO/CAPA:** Wellitania Oliveira

**CORREÇÃO:** Plínio Sabino Sélis

**REVISÃO:** Ilka da Graça Baía Araújo

**IMPRESSÃO:** Gráfica Modelo

Produção Independente

**TIRAGEM:** 100 exemplares

**CONTATO:** [ressacaliteraria2017@gmail.com](mailto:ressacaliteraria2017@gmail.com)

**WHATSAPP:** (63) 98479-7961

98136-1337

Rua F, quadra 30, lote 14 n° 90

Gurupi – TO – 77405-330



## Para Início de Conversa

Esta é a segunda “onda” da Ressaca Literária - revista de poesia, prosa et cetera, que propõe diferentes gêneros de leitura, por meio da publicação de poemas, contos, crônicas, resenhas, artigos, entrevistas, fotografias, músicas e outras variedades.

Nesta edição, a equipe de jovens, amantes da literatura e das artes em geral, que constitui o grupo editorial desta revista, aceitou o desafio de fazer o cruzamento entre a Literatura e a Matemática, com o objetivo de integrar o tema “A matemática está em tudo”, o mote escolhido para a III Semana Integrada de Ciência e Tecnologia, que se realizará de 25 a 27 de outubro, em Gurupi, nas dependências do Centro Universitário UnirG.

Respondendo a esse apelo, a equipe buscou construir uma produção artística e intelectual com acadêmicos, professores e personalidades da sociedade gurupiense, brindando os leitores com uma onda “poemática” de vários autores que entrelaçam a poesia com a matemática e, também, dois poemas traduzidos em libras pela Profa. Sandra de Cássia Abrão.

Neste segundo número, temos uma entrevista com José Maciel de Brito, presidente da Academia Gurupiense de Letras – AGL, que muito tem contribuído para o desenvolvimento da literatura no município, em parceria com o Curso de Letras da UnirG.

O caminho da prosa segue com o jovem contista Euler Moura, em “A Casa da mata nº 5”. Da mesma forma que somos prestigiados com a produção acadêmica em “Almada Negreiros e a Invenção de uma Escrita Espontânea”, num ensaio produzido pela acadêmica Daniela Leite Alves de Brito e com os estudos sobre comunidades indígenas: “Os Desafios do Ensino da Matemática na Educação Escolar Indígena”, da Profa. Dra. Lady Sakay e “Organização sociocultural do povo Krahô da profa. Dra. Marcilene de Assis Alves Araujo.

Na coluna “Outras Artes”, o leitor é presenteado com os textos “A voz silenciosa do grafismo: fonte de conhecimentos e perpetuação de um povo (parte 1)”, da Profa. Ma. Ilka da Graça Baía de Araújo e, além de outras abordagens sobre o cruzamento da literatura com outras formas artístico-literárias.

O destaque do Espaço Acadêmico Bibliográfico é a professora Deice Pomblum, especialista na área de Língua Portuguesa.

A ressaca de leitura fica por conta do Prof. Dr. Plínio Sabino Sélis, que traz uma reflexão em breve análise do discurso em A Cidade e as Serras de Eça de Queirós, pelo viés do recorte tecnológico e da ressaca moral.

Como já se pode perceber, a multiplicidade do conjunto de textos aqui reunidos não incide apenas sobre o tema colhido, pois ela se manifesta também na diversidade de assuntos inerentes à literatura e às outras artes.

Desejamos a todos uma ótima leitura, e que a Ressaca se perpetue por muitas edições nesse mar de ondas literárias.

**Wellitania Oliveira**



# ***SUMÁRIO***

NO CAMINHO DA PROSA .....	05
ONDAS DE POESIA.....	07
TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA .....	12
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO.....	16
ENTREVISTA .....	21
CURIOSIDADES LITERÁRIAS .....	24
PRODUÇÃO ACADÊMICA .....	25
OUTRAS ARTES .....	32
RESSACA DE LEITURA.....	36

## NO CAMINHO DA PROSA

### A CASA DA MATA NÚMERO 05

*Por Euler Moura*

O Casal havia sido o escolhido para ser expulso do vilarejo naquela semana. Toda semana, o povo se reunia, sendo alimentado por algum tipo de fofoca, e expulsava algum indivíduo – ou indivíduos – daquela vilazinha ao sul do reino, sem dar chance aos acusados de se defenderem, o povo dava início à sua perseguição.

E calhou que, naquela semana, o alvo do povo fora esse casal de pobretões, que tinha um casal de bebês gêmeos. A esposa fazia doces e bebidas, e juntamente com o marido, os vendiam, carregando os produtos em uma pequena carroça. Porém, também levavam as crianças, que estavam sempre a chorar, causando tumulto onde quer que fossem. Então, o povo decidira se livrar do casal que, obviamente, era o responsável por todo aquele distúrbio na paz do vilarejo. Na noite combinada, com tochas e outros apetrechos ameaçadores em mãos, os aldeões apareceram na frente da casa, exigindo que eles se retirassem para a mata.

O primeiro temor a passar por suas mentes foi à possibilidade da Casa da Mata. Dos destinos que poderiam tomar... Ir para a Mata certamente era o pior. Geralmente os exilados eram mandados para fora dos limites da vila. Mas assim não foi, pois eles foram para o amontoado de árvores. A esposa chorava, num misto por tristeza e dor, e o marido chorava por raiva e pela confusão ao seu redor, e ambos choravam com um meio-sentimento de vingança.

Foram escoltados até à entrada da Mata, onde

deram uma última olhada para trás, fizeram um último pedido de misericórdia, no que ouviram:

- São pobres demais para cuidarem dos pobres filhos! Agora, vão, vão!

Por dois dias e duas noites, o casal vagou pela mata. Com fome, cansados, com sede, e com calor, e pensando nos filhos que haviam sido deixados para trás. Eles andavam e andavam e a mata não parecia não ter fim, ou se abrir. Seus cabelos loiros embarçando-se um no outro, os rostos deixando de ser rosados.

No terceiro dia, ao acordarem e recomeçarem a caminhada, o marido notou algo.

- Está ouvindo?

- O quê?

- Nada. Não há som no ar. Tampouco há cheiro – eles sussurraram.

O casal começou a tomar rumo para um caminho irregular, mais à direita, e se depararam com uma clareira, e lá havia uma casa, sem paredes e sem portas.

A casa era feita de uma pedra azul, que certamente valeria mais dinheiro do que já haviam visto. Possuía colunas posicionadas em certos lugares, e as colunas sustentavam um teto feito de tábuas, da mesma pedra azul. Por dentro, móveis de madeira simples. Todo o interior parecia inundado com flores de todos os tipos.

Foi quando uma confusão aconteceu, vindo do caminho pelo qual haviam chegado. Sete pequenas pessoinhas os derrubaram e os

amarraram. O marido e a mulher tentavam chamar por socorro, mas nenhum som era emitido. Levou-se um tempo, devido ao choque inicial, até perceberem que as pessoinhas eram crianças que usavam roupas, combinando entre si. Elas tampouco pareciam falar. As crianças os ergueram – eram surpreendentemente fortes – e os levaram para dentro dos limites da casa. Lá, uma das crianças, com rabo-de-cavalo, perguntou:

- Quem são vocês, e o que querem?

- Não queremos nada, exceto termos nossos filhos de volta. Fomos expulsos de nossa vila. Que lugar é este?

- Esta é a Casa da Mata Número Cinco. E nós somos as Crianças Abandonadas da Casa da Mata Número Cinco – ela apontou para as outras crianças, que se alinharam, em escada, alternando entre menino e menina. \_\_Eu sou a Rabo-de-Cavalo. Estes são Dentuço, Magrela, Gordo, Esperta, Magrelo e a Lourinha. E vocês podem ser nossos convidados.

O casal passou alguns dias com eles, aprendendo com eles. Todos usavam roupas brancas e vermelhas. Os garotos, calças curtas vermelhas, as garotas, saias longas. Andavam sempre descalços, mas apesar disso, a casa era bem limpa. As crianças, todas, possuíam a pele morena como nunca havia se visto, e cabelos negros-carvão – exceto Lourinha, que era Loura.

O marido ensinou brincadeiras em que todos poderiam jogar. A esposa ensinou a todos a preparar a comida de muitas formas, formas nas quais as crianças nunca tinham sonhado. Os dois aprendiam coisas sobre as crianças todos os dias, como o fato de que Magrelo e Magrela não eram irmãos, por exemplo. À noite, a pedra-azul que fundamentava a casa, reluzia, fosse noite clara ou não. O casal ensinou canções para as crianças. E, com o tempo, as crianças adotaram o casal

de adultos que haviam encontrado. Algumas perguntas, o casal sabia, não poderiam ser respondidas, como “Por que nenhum som é emitido nas redondezas da casa?” ou “Por que o cheiro das flores não exala fora do limiar das pilastras”.

Seriam as crianças, bruxas? Bem... Mal sabiam eles que nem as crianças não sabiam da resposta. A casa existia desde que alguém a achou, e era deles desde o mesmo dia. Com lençóis encontrados, pratos e talheres encontrados, móveis encontrados, tudo isso lhes servia. Mas, certamente, havia outras casas como aquela. Rabo-de-Cavalo decidira que haveria pelo menos outras quatro, antes desta ser descoberta. Esperta discordava dela, óbvio.

Maistempoaindasepassou, até que a saudade dos filhos, que o casal sentia, chegara a um nível doentio. As crianças ficaram preocupadas com o estado que seus acolhidos se encontravam. Então, as crianças tomaram uma decisão: Reaveriam seus irmãos esquecidos.

Isso se mostrou uma tarefa fácil. Todos juntos, as sete crianças e o casal atravessaram a mata no caminho oposto feito antes. Chegando ao vilarejo durante à noite, as crianças, subindo uma no ombro da outra, cobriram-se com uma enorme coberta, que chegava até ao chão, e puseram-se a assombrar a vila.

Gritos ecoaram na noite, de susto e de arrepios. Diante de tão alta e incompreensível criatura, os moradores não demonstraram coragem para se imporem; mostrando, assim, que as crianças tinham razão em acreditar que se tratava de algo simples. Pegaram as crianças que haviam ficado com alguém que não gostava de seu fardo, e as devolveram aos pais.

E todos retornaram para a Casa da Mata... Ah, você sabe qual casa é. Todo mundo sabe.

# ONDAS DE POESIA

## NUMA ONDA DE POESIA II

Por Lucas Costa

O cenário é diferente...

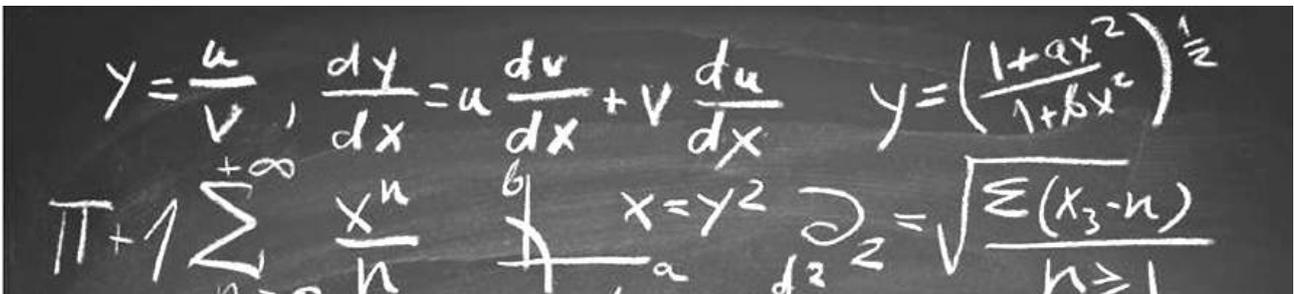
Nesse céu de negritude  
Cada piscar distante  
Reflete brilho resplendente,  
Avisto um léu de infinitude!

Aos meus pés têm só areias  
Infundas como as estrelas...  
Regurgita o imenso mar,  
O posso mensurar?

Essa onda de poesia,  
Na ressaca que assisto,



Ruge e me enuncia:  
'És um piscar, um grão  
um átomo a nadar  
Em meio ao...  
INFINITO.



## MATEMATIZANDO

Lucas Costa

É praticando que se aprende  
Enfrentando dificuldades  
Na matemática que rende  
Tem que usar as habilidades

Na multiplicação e adição  
sempre terá mais  
Multiplicando a situação,  
Adicionando concentração.

Vou aprendendo e seguindo  
Subtraindo e dividindo

E o que me atrapalha  
Vai se esvaindo

Se o valor de Delta quero achar  
Não preciso esmorecer,  
 $b^2 - 4.a.c$   
Não tem como esquecer

Pra saber qual é o cosseno  
Professor me conduza  
Ao dividir o cateto adjacente  
Pela hipotenusa

## TEMPO

*Aurea Teles*

Não importa quanto tempo leve,  
Se com dezoito ou cinquenta,  
Se o tempo passou,  
Se não retorna mais,  
Se aquele teu cheiro doce,

## MATEMÁTICA EM TUDO

*Por Marília Gomes*

Em um lugar,  
Escuto sussurros,  
Escutei gritos e barulhos.

Em um livro, ah! Muitos sinais  
Todos querem falar,  
Todos querem se expressar.

Um se acha melhor que o outro,  
Um quer ganhar DE MAIS,  
O outro fica triste, pois só tem DE MENOS, Pois tem um  
que pensa em MULTIPLICAR,  
Mas cada um tem sua função,

Mas mudando de assunto  
Tenho agora um conjunto  
Composto por numerais  
Todos eles naturais

Um conjunto fiz  
Esse agora é racional  
Com fração, raiz  
E número decimal  
Matematizando continuo  
Não posso me perder  
É bom me organizar...  
Aonde quero, irei chegar!

Em meus lençóis não existirá jamais.  
São segredos que meu corpo leva,  
E meu coração se aquece  
Ao saber que voltarias.  
Na paixão que recomeça e  
nem o passar do tempo esquece.

Conversando teremos uma solução,  
Somar, subtrair, multiplicar e dividir,  
Com muita animação.

Tabuada é para aprender e ter a resolução,  
Se tiver dúvida tira a prova dos nove,  
Para não ter complicação.

Matemática está na vida,  
Pois não temos como separar,  
Todo dia temos que SOMAR e SUBTRAIR,  
Muitas vezes saber MULTIPLICAR e DIVIDIR  
E no final tirar a prova real,  
Para não cair no mundo banal.  
E outro que é obrigado a DIVIDIR.

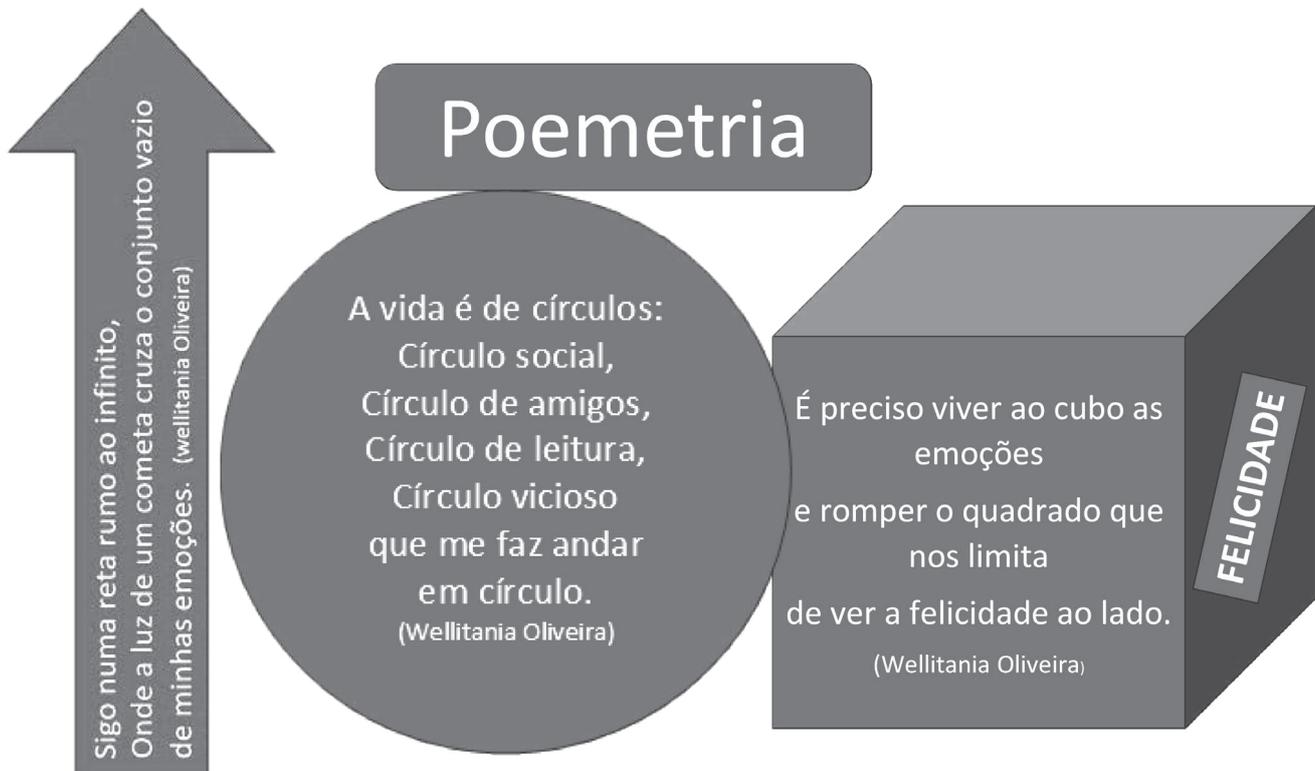
## MATEMÁTICA E POESIA

Por Vônia Lemos

Multiplicação: essa é de arrasar emoções, confundir e até desbancar campeões  
Antenados na soma, idolatrando opiniões, embora seja uma simples soma.  
Tudo que buscamos, encontramos e nunca nós nos realizamos.

Esper ançosos, ficamos. Há se não houvesse o diminutivo do sonho... seríamos  
Muitos, na lista dos campeões, que muitas vezes, soma, multiplica, divide e diminui!  
Ambos buscando somente o pódio, do prazer da satisfação. Será que nunca  
Terá uma medida desacelerada esse buscar de vitórias, sem multiplicarmos...  
Implantamos momentos a mais de alegria que muitos dividem em profunda euforia,  
Contendo somente o método mais simples...

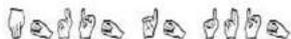
Amor, sim, e a matemática dos prazeres, junta tudo e transforma em sonhos, há se não fosse os  
números para nos dar o prazer de contar as alegrias, esperanças... enfim, viver a diminuir, somar,  
dividir e multiplicar sonhos.



O amor verdadeiro é ...



Maria da Guia



Aquele que suporta a saudade,



Não desanima com a distância,



Passa por tanta dificuldade,



Mas espera



E não se cansa.



**Etapas do amor**



Maria da Guia



Ontem nós éramos grandes amigos,



Juntinhos e unidos.



Hoje somos namorados,



Eu te amando e sendo amada.



Amanhã seremos noivos,



Se amando feito loucos.



Em breve seremos casados,



Unidos e inseparáveis lado a lado.



Tradução: Prof. Sandra de Cássia e Lucas Costa



## POESIA MATEMÁTICA

*Por Millôr Fernandes*

Às folhas tantas  
do livro matemático  
um Quociente apaixonou-se  
um dia  
doidamente  
por uma Incógnita.  
Olhou-a com seu olhar inumerável  
e viu-a do ápice à base  
uma figura ímpar;  
olhos rombóides, boca trapezóide,  
corpo retangular, seios esferóides.  
Fez de sua uma vida  
paralela à dela  
até que se encontraram  
no infinito.  
“Quem és tu?”, indagou ele  
em ânsia radical.  
“Sou a soma do quadrado dos catetos.  
Mas pode me chamar de Hipotenusa.”  
E de falarem descobriram que eram  
(o que em aritmética corresponde  
a almas irmãs)  
primos entre si.  
E assim se amaram  
ao quadrado da velocidade da luz  
numa sexta potenciação  
traçando  
ao sabor do momento  
e da paixão  
retas, curvas, círculos e linhas sinoidais  
nos jardins da quarta dimensão.  
Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas  
euclidiana  
e os exegetas do Universo Finito.  
Romperam convenções newtonianas e  
pitagóricas.  
E enfim resolveram se casar  
constituir um lar,

mais que um lar,  
um perpendicular.  
Convidaram para padrinhos  
o Poliedro e a Bissetriz.  
E fizeram planos, equações e diagramas para  
o futuro  
sonhando com uma felicidade  
integral e diferencial.  
E se casaram e tiveram uma secante e três  
cones  
muito engraçadinhos.  
E foram felizes  
até aquele dia  
em que tudo vira afinal  
monotonia.  
Foi então que surgiu  
O Máximo Divisor Comum  
frequentador de círculos concêntricos,  
viciosos.  
Ofereceu-lhe, a ela,  
uma grandeza absoluta  
e reduziu-a a um denominador comum.  
Ele, Quociente, percebeu  
que com ela não formava mais um todo,  
uma unidade.  
Era o triângulo,  
tanto chamado amoroso.  
Desse problema ela era uma fração,  
a mais ordinária.  
Mas foi então que Einstein descobriu a  
Relatividade  
e tudo que era espúrio passou a ser  
moralidade  
como aliás em qualquer  
sociedade.

*Texto extraído do livro “Tempo e Contratempo”, Edições  
O Cruzeiro - Rio de Janeiro, 1954, pág. sem número,  
publicado com o pseudônimo de Vão Gogo.*

# TEORIA LITERÁRIA

## A LITERATURA NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Por Wellitania Oliveira<sup>1</sup>



A literatura é uma arte de natureza multidisciplinar, globalizada e plural. Sua essência é a complexidade que permeia as instâncias da vida humana e do mundo, “é uma forma especial de

linguagem, em contraste com a linguagem comum que usamos habitualmente”, diz Terry Eagleton (2003). Assim sendo, a literatura pode influenciar o indivíduo em sua maneira de pensar e agir a partir da

reflexão que este faz da realidade.

Por seu caráter multidisciplinar, a literatura é vista por muitos estudiosos como uma ferramenta de auxílio a outras disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Soares (1985), por exemplo, propõe que a literatura seja inserida no currículo escolar de maneira que o seu nível de complexidade não seja menosprezado. Neste sentido, Morin (2002) também propõe que o uso da literatura em sala de aula seja um elo entre os níveis de realidade. Na visão desses estudiosos, a literatura pode vir a ser um valioso instrumento no ensino de qualquer disciplina.

Nesta perspectiva, a utilização da literatura em sala de aula vai favorecer o processo de ensino-aprendizagem, de modo que os diversos níveis da realidade não fiquem excluídos do ambiente escolar. Assim, a leitura literária é uma prática que atua tanto no âmbito cognitivo quanto no afetivo do aprendiz e que essa atuação ocorre porque a literatura não se limita a apenas uma concepção de sentido, mas permite um diálogo fecundo entre os vários saberes, inclusive a Matemática.

É comum ouvirmos a afirmação de que, quem gosta da área das exatas, não gosta da área de linguagem e vice e versa. O fato é que, ainda nas séries iniciais, mesmo sem querer desqualificar as outras disciplinas, alguns professores induzem os alunos a acreditarem que a matemática é uma disciplina difícil e que por isso precisa de uma atenção especial. Os alunos passam a acreditar que a Matemática não tem nenhuma

relação com as demais disciplinas como o Português e a Literatura. Além disso, a matemática muitas vezes é ensinada de forma distanciada da realidade, e a linguagem utilizada para seu ensino é divergente da linguagem usada no dia a dia pelo aluno.

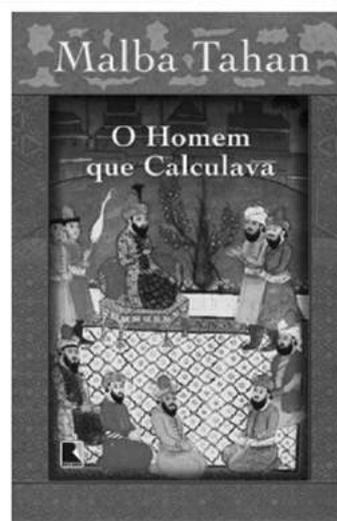
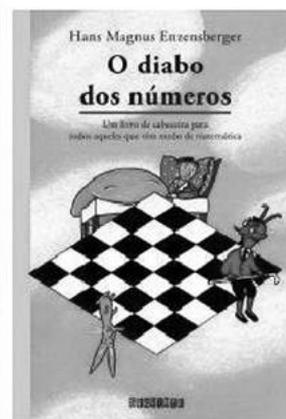
Lorenzato (2010, p.44) diz que “a linguagem matemática caracteriza-se por ser resumida e precisa, além de possuir expressões, regras vocábulos e símbolos próprios. Exemplos disso são as fórmulas matemáticas que se tornam estigmas para muitos.” O autor acrescenta ainda que “elas são resultado de processos históricos e o significado de cada um de seus símbolos precisa ser conhecido para que possam ser compreendidos e empregados corretamente.”

Outros estudiosos sobre o assunto, como Hahn, Hollas e Andreis (2012, p.19) afirmam que: “As relações entre Literatura e a Matemática, se corretamente articuladas, podem ser compreendidas como possibilidades para vincular o contexto cultural e social às aulas, fazendo uma ponte entre o concreto e o abstrato, aspecto fundamental para a contextualização de conteúdos matemáticos, podendo, inclusive, proporcionar ao estudante a capacidade de análise crítica sobre o mundo que o cerca, além de desenvolver a capacidade de argumentação, expressão e sistematização”. Dessa maneira, pode-se acreditar que a aplicação de novas metodologias, que utilizem a literatura nas aulas de matemática, que desenvolvam as habilidades de leitura e interpretação dos conceitos e

símbolos matemáticos, seja o caminho da aprendizagem significativa para os alunos. Assim sendo, a Matemática deve ser ensinada por meio do emprego de linguagens diferenciadas, que auxiliem os alunos na compreensão dos conteúdos e na produção de ideias e opiniões lógicas que expressem o conhecimento do mundo, como bem diz Coelho (2001, p.24) “a Literatura vem sendo apontada como uma das disciplinas mais adequadas (...) para servir de eixo ou ‘tema transversal’ para a interligação de diferentes unidades de ensino”.

Como já foi dito, o texto literário é complexo e o nível de complexidade da linguagem literária está relacionado às vivências do indivíduo como um ser social. Já a linguagem matemática só terá significado quando utilizada na solução de algum problema, ou ocorrência que necessite de uma resolução matemática. Porém, é preciso, antes de resolver a situação problema, compreender e interpretar a situação e o contexto em que ela ocorre. Por isso, a leitura é tão relevante no cotidiano dos indivíduos, pois ela desenvolve a capacidade de compreender os fatos, analisar a situação e os dados fornecidos pelo contexto e produzir respostas adequadas para resolução do problema.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem a afirmativa de que “A compreensão e a tomada de decisões diante de questões políticas e sociais também dependem da leitura e interpretação de informações complexas, muitas vezes contraditórias, que incluem dados estatísticos e índices divulgados pelos



meios de comunicação. Ou seja, para exercer a cidadania, é necessário saber calcular, medir, racionar, argumentar, tratar informações estatisticamente etc.” (BRASIL, 1997, p. 30). Assim, a leitura literária pode contribuir diretamente para a formação, não só dos indivíduos leitores, mas de cidadãos críticos, participativos e questionadores, capazes de interpretar diferentes situações e contextos

De acordo com Smole, Candido e Stancanelli (1999, p.12), “Integrar literatura nas aulas de matemática

representa uma substancial mudança no ensino tradicional da matemática, (...). E, neste mesmo fundamento, Machado (2012, p.13) reforça a ideia dizendo que “para enfrentar as dificuldades com o ensino de Matemática, mais do que despertar o interesse pelas suas aplicações práticas, é fundamental desvelar sua beleza intrínseca, sua vocação para a apreensão dos padrões e das regularidades na natureza, suas relações diretas com os ritmos, com a música, com as artes de modo geral”. Neste sentido, a união da Literatura com a Matemática tornará o método de ensino-aprendizagem mais atraente e prazeroso para os docentes e discentes.

Assim, é correto dizer que por meio da junção da literatura com a matemática o ensino é promovido a um patamar de eficácia cognitiva, de compreensão do raciocínio lógico, proporcionado pela inovação da linguagem literária.

No entanto, é necessário dizer que a

utilização da Literatura como instrumento de ensino nas aulas de matemática não é nenhuma novidade. Existe no mercado um bom acervo de obras que propõem o ensino da matemática de forma lúdica como: *O Homem que Calculava*, *O Diabo dos números*, *Matemática Divertida e Curiosa*, *Aritmética da Emília*. Além de muitos outros que podem ser adequados às aulas, por possuírem conteúdos relacionados à esta disciplina, como: *O Pequeno Príncipe*, *Alice no País das Maravilhas*, *Alice no País dos Espelhos*, entre outros.

Portanto, o ensino da Matemática a partir da leitura literária pode proporcionar aos alunos/leitores um mergulho em mundos lúdicos que os farão aprender a Matemática de maneira prazerosa e, através dela, os alunos poderão melhorar a interpretação e a capacidade imaginativa, tornando-se mais criativos e mais críticos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Coleção Literatura e Ensino Superior. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HAHN, Clairiane Terezinha; HOLLAS, Justiani; ANDREIS, Rosemari Ferrari. *Matemática e Literatura: Novas concepções pedagógicas na construção significativa de conhecimentos matemáticos*. Revemat: R. Eletr. de Edu. Matem. ISSN 1981-1322. Florianópolis, v. 07, n. 1, p.18-31, 2012.
- LORENZATO, Sergio. *Para aprender matemática*. 3 ed. rev. São Paulo: Autores Associados, 2010.
- MACHADO, Nilson José. *Matemática e educação: alegorias, tecnologias, jogo, poesia*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MORIN, Edgar. *A Religião dos Saberes: o desafio do século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- SMOLE, Kátia C. Stocco; CÂNDIDO, Patrícia T.; STANCANELLI, Renata. *Matemática e Literatura Infantil*. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.
- SOARES, Magda Becker. *As muitas facetas da Alfabetização*. Cadernos de Pesquisa, nº 52. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1985.

## ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

*Por Kamylla e João Filho*

Neste espaço da revista, você conhecerá a história da professora letróloga: Deice Pomblum.

Deice Joceliane Pomblum possui graduação em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1992). Tem experiência na área de Letras, atuando como professora de português. Foi Coordenadora do Curso de Letras por dois mandatos; coordenou o NEP no ano de 2004; atuou como Coordenadora de Estágio por duas vezes; redige e organiza o Jornal SOLETRADO do Curso de Letras e orienta acadêmicos na produção de TCCs.

Vinda de uma família humilde, Deice Pomblum formou-se em Letras com a ajuda de sua mãe que sempre a incentivou. Tendo esse objetivo alcançado, comunicou a toda família que iria procurar um lugar para viver e o lugar escolhido foi Gurupi, no Tocantins. Atualmente, é Professora Efetiva no Centro Universitário UnirG, atuando em vários cursos e no Centro de Ensino Médio Ary Ribeiro Valadão. A partir daqui, o leitor irá acompanhar a incrível biografia narrada pela própria professora.

### **Professora Deice Joceliane Pomblum**

#### **Origem**

Sou de uma família humilde, com valores e costumes tipicamente pampeanos. Meus pais não possuíam muitos recursos para oferecer a mim e ao meu irmão os excessos que o mundo disponibilizava, mas o essencial nos



foi dado, ou seja, educação.

Não recordo de problemas na infância, somente as aventuras, peripécias, risos e brincadeiras e os gritos de minha mãe solicitando nosso retorno à casa, pois era tarde demais para ficarmos na rua.

Meus pais não impuseram limites a mim e ao meu irmão, mediante punhos ou artefatos que provocassem dor. Preferiram os longos sermões e um olhar de condenação, que nos levava rapidamente ao arrependimento e à mudança de conduta.

Meu pai era caminhoneiro e, por isso, a figura materna teve maior influência na formação da minha personalidade e na do meu irmão. Não que o pai não tivesse importância, mas pelo fato de o tempo de convivência com a mãe ser muito maior e mais intenso, logicamente.

Convivíamos com diversos conflitos advindos do preconceito, da desigualdade social, da limitação de oportunidades, mas crescemos sem traumas, sem revolta, sem culpa. Apenas fomos crianças e depois crescemos como deseja a natureza.

### O Começo

A admiração pela docência teve início muito cedo em minha vida. Sinal de “destino marcado”, pois as brincadeiras infantis sempre foram compostas por um cenário escolar: muitos livros, giz e quadro negro.

Era neste cenário que a vontade interior de ser professora se manifestava dia após dia. Meus primeiros alunos foram meus amigos da escola e da vizinhança e não se opunham em participar da brincadeira como “cobaias” de um processo de aprendizagem que o tempo organizava.

Nesta época, morava numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul chamada São Luís Gonzaga. Comecei meus estudos do “Primário” na escola João Aloísio Braun e tive o privilégio de conhecer a Professora Telma, a qual me ensinou a ler e escrever. Lembro-me dos olhos sempre brilhantes desta professora e o carinho com que tratava todos os alunos de minha classe. O seu método de ensino era baseado na meritocracia, talvez, por isso, todos, inclusive eu, procurávamos ser os melhores em sala de aula: um tipo de competição salutar.

Suas aulas eram recheadas de encantos. Havia dança, música, pintura, comemorações e muitos concursos de redação, e eu procurava estar presente em todos como se aquela oportunidade fosse única. Assim, meus anos escolares no “Primário” foram muito saborosos, inesquecíveis e gratificantes.

Digamos que a escola representou o céu e a terra a uma menina que tinha muitos sonhos e vontade de mudar o mundo.

Após concluir os estudos iniciais, cursei o ginásio na mesma escola e perdi o olhar brilhante da Professora Telma, já que o corpo docente era outro. Embora tivesse saudades, concluí meus estudos com muita dedicação e sempre que havia uma atividade na área de Língua Portuguesa, procurava participar. Esta vontade constante trouxe-me vários prêmios de redação e o dia mais emocionante para mim foi quando eu recebi das mãos da diretora e do prefeito o prêmio de primeiro lugar em uma redação que tinha como tema: minha cidade. Na ocasião, minha mãe estava ao meu lado. Fiquei tão satisfeita comigo mesma que comecei a desenvolver a autoestima e a sentir um contentamento enorme, que, às vezes, era uma mistura de segurança, euforia e poder, diante de tudo o que eu fazia ou faria.

Tinha a certeza, nesta época, que o vento soprava a meu favor, porque sempre quis o que estava acontecendo diante dos meus olhos, e a escola pôde me propiciar a realização de todos os meus sonhos de criança e adolescente.

E estes sentimentos me acompanharam até ao ensino médio. Cursei-o numa escola particular de freiras, o INSA – Instituto Nossa Senhora Auxiliadora. Esta fase foi bastante difícil para minha família, pois a mensalidade era muito cara e todos os membros de minha família precisaram fazer esforços para que o dinheiro arrecadado, mediante o trabalho de meu pai, fosse suficiente para as despesas da casa e para a escola. Junto a esta situação vinha também uma grande responsabilidade, ou seja, eu não podia fracassar.

Foi nesta escola que conheci a Professora Elza. Era tão gentil, educada e elegante. Costumava pegar na nossa mão para corrigir as tarefas. Logo me tornei a sua fã número 1 e comecei a pensar em ser, um dia, como ela. Engraçado! Como as pessoas podem ter este poder de inspirar, de transformar vidas?! E mais uma vez tive a certeza de que eu queria e deveria ser como ela. Isso! Ser uma professora.

Além da professora Elza, é importante salientar que a escola particular INSA contribuiu imensamente com a minha formação, pois havia um sistema de regras muito rígido, uma disciplina exemplar. Graças a isso, aprendi o certo e o errado, a ter senso de justiça e a exigir de mim maior empenho diante de qualquer situação da escola e da vida.

### **A mudança**

Depois de findar os estudos do 1º e 2º ano no INSA, meu pai resolveu que deveríamos mudar para uma cidade maior, pois eu e meu irmão Edson estávamos na fase da adolescência e minha mãe sonhava com os filhos inseridos no ensino superior.

E, mais uma vez, a dificuldade e a tristeza surgiram. Esse momento de mudança foi muito difícil, como toda mudança, pois deixei para trás meus amigos e amigas, minha escola, minha vida. E recomeçar era algo novo em minha mente. Recomeçar... queria dizer: fazer tudo de novo e melhor do que a primeira vez. Então, tive medo também, pela primeira vez.

Minha família escolheu uma cidade que tinha nome de santo: Santo Ângelo. O nome parecia interessante, entretanto os arrepios foram mais intensos que a sonoridade da palavra.

Em Santo Ângelo, fui matriculada numa escola chamada Colégio Sepé Tiaraju, o famoso Sepé

para concluir o Ensino Médio. E confesso que não foi nada fácil em me adaptar à escola, ao ensino, às pessoas. Tudo era diferente. Parecia que o mundo havia dado voltas e eu havia ficado estática, excluída, esquecida em algum lugar, em um tempo qualquer.

Na escola, obtinha bons resultados nas disciplinas de português, inglês, redação, literatura, história, geografia e outras. Em contrapartida, a matemática, a física e a química eram grandes monstros para mim, cenas de “Hipnose”, verdadeiramente. Não as entendia. Pensava então, que, no futuro, deveria fazer um curso de graduação que realmente excluísse os cálculos, já que não tinha habilidade com os mesmos. Creio que quando uma pessoa não tenha afinidade com alguma área do conhecimento, é preciso agir e procurar algo que a faça sentir-se bem e feliz.

Inspirada neste sentir-se bem e ser feliz, conclui o ensino médio e logo decidi em continuar a viver naquele ambiente de carteiras, livros, cadernos, leituras.

### **Novos desafios**

O vestibular seria a próxima rota para chegar ao meu local de destino. E ao pensar em qual curso, não tive dúvidas: Letras, que foi o único a que poderia me propiciar a conquista daquilo que sempre sonhei.

Participei do processo seletivo da URI - Universidade do Alto Uruguai e conquistei em 1988 uma vaga no Curso de Letras. A turma contava com 61 mulheres e apenas 1 homem.

Envolvei-me tanto com o Curso na URI, que as noites congelantes, a distância, as madrugadas em claro, os banhos de chuva, a dificuldade financeira, não foram motivos em nenhum momento, para fazerem eu desistir.

Serviram, sim, de fortalecimento.

Os estudos da faculdade eram mais complexos e profundos; por isso, exigia de mim muita dedicação e era difícil conciliar tudo isso com o trabalho, pois nesta época eu trabalhava oito horas diurnamente em uma empresa de refrigerantes, e à noite era reservada para o curso de Letras.

O momento mais intenso foi quando tive que fazer estágio. Recebi o nome e a localidade da escola, juntamente com outra colega de sala, onde deveria fazer a regência. A escola ficava na zona rural, em torno de 50 km, distante da cidade. Então, outro obstáculo surgiu diante de nós: como chegar até lá? Não tínhamos dinheiro para o transporte e muito menos veículo próprio. O transporte que levava os professores para a escola rural não comportava mais duas pessoas. Poderíamos desistir ali, naquele momento, mas não fizemos o esperado. Começamos a procurar formar de ir à escola e sem alternativas, usamos nossos próprios pés. Para chegar no horário das 7h e 30 minutos na escola, precisávamos acordar muito cedo. Com o tempo e uma dose de solidariedade, o motorista da kombi que levava os professores à escola, oferecia, às vezes, uma carona de ida ou de volta. Íamos em pé no veículo, mas de cabeça erguida. Sabíamos que valeria a pena tanto esforço.

Durante os quatro anos de curso, a Universidade URI me proporcionou o encontro com Professores como: Arthur, Mário Simon, Olavo, e outros gigantes, exploradores do conhecimento e transformadores de vidas. Aprendi a amar a língua portuguesa, a literatura e a língua inglesa, porque o amor que eles demonstravam pelas disciplinas, pelos conteúdos, pela profissão era tão mágico que o mesmo amor se instalava em nossos

corações sem pedir licença.

Ao concluir a faculdade, resolvi levar meus mestres para casa e guardá-los num lugar bem seguro.

### **Realização**

Na noite da formatura, minha mãe estava ao meu lado. E não poderia ser diferente. Foi ela a grande idealizadora das minhas escolhas e sonhos. Ela, desde meus primeiros anos de vida, incentivou-me a ser professora porque desejava que eu fosse independente, nunca me faltasse um emprego, nunca passasse por dificuldades financeiras. Ela costumava falar: “Minha filha, seja professora e nunca lhe faltará nada. Não lhe faltará emprego, não lhe faltará emoção, alegria, dinheiro e honra”. Afirma que almejou isto para que eu não experimentasse dos mesmos sofrimentos que ela teve no transcorrer da vida.

Creio que na noite da formatura, não havia como quantificar a emoção expressa na face de uma professora recém-formada e de uma mãe que fez o possível e o impossível para viver tudo aquilo. Foi emocionante!

### **Uma decisão importante**

Depois do objetivo alcançado, novas ideias começaram a invadir o dia e a noite e, sem hesitar, comuniquei a todos que iria procurar um lugar para viver, para trabalhar, para ser, para amar, para aprender e ensinar. E o local escolhido foi Gurupi - “Diamante Puro” - para servir de minha morada e fortaleza.

Evidentemente que a notícia não foi agradável para a minha família. Embora

minha mãe não quisesse que eu partisse, ajudou-me, como sempre, em tudo. Ela sabia que era hora de colocar em prática todos os ensinamentos que eu vinha colhendo há anos. Era tempo de plantar.

A despedida com o pai, a mãe e o irmão não aconteceu. Preferi ir para a rodoviária sozinha. Achei que seria menos triste para todos nós. A viagem de quase 3.000 km foi feita com inúmeras contenções das lágrimas, do desespero em ficar só, sem a proteção de casa, dos pais. Mas já não dava mais para recuar, desistir e voltar como uma menina do colegial. Seria vista como fraca, ridícula, infantil!

No dia 28 de fevereiro de 1995, comecei a fazer parte da história de Gurupi. Após um dia percorrendo uma parte da cidade, fui em busca da minha primeira experiência profissional. Na oportunidade, avistei uma escola enorme e desejei ser lá o local onde eu poderia trabalhar.

### **Escolhas**

Meu desejo foi atendido, e o C.EM Ary Ribeiro Valadão Filho foi a primeira escola que me estendeu a mão, que acreditou em mim e em meu profissionalismo, mesmo sem saber muito ao meu respeito. E, por este motivo, sempre me dediquei inteiramente à sala de aula, à escola, às pessoas que faziam parte daquele ambiente.

Minha experiência foi e ainda é fantástica nesta escola, porque até hoje o desânimo, a falta de esperança, a falta de fé, o desencanto, não tiveram chances de tomar o rumo do meu caminho e do caminho dos meus alunos. Continuo me dedicando ao ensino, a mudar o mundo como no início, a transformar vidas. Entretanto, com uma diferença: pergunto ao

meu aluno se ele quer isto também.

Nesta caminhada, o C.EM Ary Ribeiro Valadão Filho me conduziu a outras experiências voltadas a novos estudos e formações, novos ambientes escolares, novas responsabilidades, novos sonhos. E não pude recusar o convite de outras escolas, tais como: Paulo de Tarso, Sossego da Mamãe, Bernardo Sayão, O Castelinho, Expansão.

Nestes espaços, conheci pessoas magníficas como Dona Ena e Dr. Paulo (diretores e proprietários do Paulo de Tarso), Reynaldo e Veruska (Diretores e proprietários do Objetivo), Dona Carmem (O Castelinho), que mesmo sem perceberem o quanto, ajudaram-me muito, em várias situações.

Nesta época, as escolas estaduais tinham um tempo de seis meses para efetuar o pagamento do professor. E, diante da dificuldade financeira e da vergonha em pedir auxílio para os pais, não pensei em outra saída, senão trabalhar mais. Assim, muitos diretores me ofereceram, mais uma vez, uma oportunidade para fazermos história. E todos os momentos nestas escolas foram gratificantes, agradáveis, felizes. Até hoje, nossas conversas, nossos encontros rápidos, devido à falta de tempo, estão acompanhados de risos e lembranças positivas do passado.

Após conhecer e trabalhar em outras escolas de Gurupi, pensei que estava na hora de fazer parte da FAFICH, pois já tinha experiências, já havia desenvolvido uma ou mais metodologias que estavam dando bons resultados e não pensava em voltar para a cidade que tinha nome de santo.

Durante uma manhã, em que eu estava corrigindo redações, um colega de trabalho informou-me de que havia uma vaga no Curso de Letras; provisória, mas havia. Fiquei durante algumas horas pensando no assunto e resolvi,

finalmente, comparecer na Coordenação do Curso. Na ocasião, quem estava no cargo de Coordenadora era a professora (hoje, doutora), Marcilene. Combinamos fazer uma prova prática e os membros que avaliaram a minha aula foram: Professora Cícera, Professor Alexandre e alguns acadêmicos do 8º Período.

Dois dias depois, recebi o resultado. Sequencialmente, à voz da Coordenadora do Curso (Marcilene), meus pés saltaram automaticamente do chão, e um grito foi ouvido no bairro todo. Mais uma vez a sensação de contentamento tomou forma em minha vida. Minha mãe sentiu-se importante e detentora de um poder, porque conseguiu completar a sua missão bem melhor do que havia pensado.

A FAFICH, hoje CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIRG, as pessoas, os acadêmicos foram e são muito importantes para mim. Nesta instituição de ensino superior, aprendi muito com tudo e todos e tenho orgulho em fazer parte dos cursos, da vida das pessoas que lá estão, porque não é somente emprego, empresa; é vida.

Novamente, recebi o apoio, a confiança de muitos e como resultado disso tive a oportunidade de colaborar com o Curso de Letras como Coordenadora do NEP, Coordenadora de Estágio e, por fim, de Curso. Todas as experiências foram importantes para o meu fortalecimento profissional e hoje só tenho a dizer, com o coração: muito obrigada!

Hoje, continuo atuando na escola que me acolheu e no Centro Universitário UnirG, porque gosto do ambiente, das pessoas e dos desafios da profissão.

Percebo que, durante esses 22 anos em sala de aula, meus olhos apreciaram a mudança, a despedida, a saudade, a alegria, a ansiedade, o medo, o contentamento, o orgulho, a ousadia, a dor, a felicidade porque minha mãe, eu, meus mestres, meus amigos optamos por enxergar tudo isso.

Aprendi que é importante deixar as janelas abertas. É importante captar o brilho do olhar. É importante pegar na mão.



*Professora Deice e alguns de seus alunos de vários cursos*

## ENTREVISTA

### JOSÉ MACIEL DE BRITO, PRESIDENTE DA ACADEMIA GURUPIENSE DE LETRAS

*Por Raquel Castro e Ramon Wesley*



O escritor, advogado, jornalista e acadêmico fala do seu trabalho na presidência da Academia Gurupiense de Letras

**Ressaca Literária - O que é a Academia Gurupiense de Letras? Qual seu objetivo?**

**J. Maciel Brito** - A academia Gurupiense de Letras é uma instituição que congrega escritores dos mais diversos estilos, e tem como finalidade divulgar, difundir e promover a cultura literária de um modo geral.

**Ressaca Literária - Durante este tempo à frente da Academia Gurupiense de Letras, como o senhor descreve sua experiência?**

**J. Maciel Brito** - Com bastante dificuldade, mas muita disposição e com o apoio de

*tantas pessoas que amam a literatura de um modo geral. Isto faz com que a gente se sinta lisonjeado, por poder conseguir o que já conseguimos neste cinco anos de luta e desafio.*

**Ressaca Literária - Quais os projetos desenvolvidos pela AGL?**

**J. Maciel Brito** - Nós desenvolvemos o “Café com Letras”. Desenvolvemos o “I Festival Literário de Lançamento Coletivo de Livros”, realizado em maio deste ano. Agora empreendemos o “I Simpósio Regional de Literatura e Artes”. Estamos com um projeto

*“LiteArtes” para ser desenvolvido ao longo do ano. Teremos em breve a posse de novos membros da Academia e a festa de encerramento no meu mandato e posse de novos membros, será no dia 30 de novembro deste ano.*

**Ressaca Literária - Em que momento da sua vida, o senhor se despertou para o mundo da literatura?**

**J. Maciel Brito** - *Ah! Isso já faz muito tempo! Há muitos anos me despertei. Só que comecei a escrever em 2001 e, em 2002, lancei meu primeiro livro, que é a “Falência do Estado Legal” e, daí pra cá, não parei mais. Já, com os que lancei esse ano, completaram 18 títulos lançados.*

**Ressaca Literária - Por que motivo a temática de suas obras é geralmente política?**

**J. Maciel Brito** - *É que eu fui político. Aliás, políticos nós somos e eu fui militante político. Sai da política partidária, mas não me afastei da política de civilidade nem da política educacional, tão pouco da política cultural.*

**Ressaca Literária - Sua autobiografia foi lançada recentemente. Como foi a experiência de escrever sobre si próprio?**

**J. Maciel Brito** - *É muito gostoso, porque a gente sabe tudo sobre a gente mesmo, né? E eu fiz questão de colocar no meu livro, desde os meus 2 primeiros anos de vida... Algumas coisa eu me lembro, e eu fiz o meu histórico, eu tinha tudo na cabeça.*

**Ressaca Literária - Quando foi escrito seu primeiro livro?**

**J. Maciel Brito** - *Escrevi em 2001 e lancei no dia 26 de Abril de 2002, que é a “Falência do Estado Legal.”*

**Ressaca Literária - Dentre suas obras, qual o senhor mais admira?**

**J. Maciel Brito** - *A primeira (risos), a primeirinha. Inclusive fui cobrado por muita gente para lançar a 2ª edição, de acordo com alguns professores, como é o caso do professor Ubiratã que disse: “Professor, o senhor é o nosso Nostradamus de Gurupi, porque o que o senhor escreveu em 2001 está acontecendo”. Até um juiz que me chamou e disse doutor cadê o seu livro “A Falência do Estado Legal?” Respondi que havia esgotado. Ele disse: “escreva a 2ª edição que o seu livro é o mais atualizado, o que você disse há 16 anos está acontecendo agora”. Isso me despertou o realismo, eu já pensava isso. O primeiro o primogênito sempre fala mais alto.*

**Ressaca Literária - Recentemente a AGL realizou o I Simpósio de Literatura e Artes, como o senhor avalia o evento?**

**J. Maciel Brito** - *Eu avalio de uma importância muito grande, principalmente pela participação de figuras importantes da Educação, da Cultura e do mundo literário, cultura das artes cênica. Foi uma participação grandiosa, tivemos uma adesão como a gente nunca imaginava. Portanto, correspondeu plenamente às nossas expectativas, mesmo sabendo que há pontos falhos, mas nós mortais não temos o poder de ser perfeito, fizemos o melhor possível, inclusive com a participação, a*

liderança ativa da professora Wellitania, que está à minha frente, professor Fabiano, e tantos outros que enfrentaram conosco esse desafio e graças a Deus correspondeu.

**Ressaca Literária - Diante das dificuldades apresentadas, de onde vem os recursos para movimento da academia e realização dos eventos?**

**J. Maciel Brito** - Vêm do nosso sacrifício pessoal e de alguns da Academia de Letras, alguns. E dos amantes da literatura que nos ajuda, são nossos parceiros que contribuem para que Academia possa sobreviver mesmo diante das dificuldades, aí a gente consegue. Claro que primeiro do que isso, Deus diz: “\_\_Vai a lugar tal, lá é o mapa da vida você vai lá e busca...”. Tudo é muito pouco, mas o pouco com Deus é muito. Nós utilizamos aquele princípio da Bíblia, né? De fazer reproduzir, como Deus fez reproduzir: aumentar os peixes e os pães, é o que nós fazemos aqui na academia.

**Ressaca Literária - Quais suas expectativas para o futuro da AGL?**

**J. Maciel Brito** - Bom, as expectativas são as melhores possíveis. Porque nós não abriremos mãos de fazer com que a AGL possa realmente crescer mais ainda e produzir bons frutos para a atual geração e as futuras, com fé em Deus!

**Ressaca Literária - Qual a mensagem que o senhor deixa para os jovens de hoje?**

**J. Maciel Brito** - Eu deixo para os jovens que diminuem a sua participação no “whatsapp”, nos bares, nos botecos, nas preguiças e partam para a leitura para a escrita, porque isso é realmente o que nos ensina. Os jovens precisam fazer isso e tem que dar uma reciclada.

**Ressaca Literária - Em relação a essas novas tecnologias qual seria o direcionamento da academia hoje, em relação aos escritores e às publicações? Como o senhor vê o futuro da Academia?**

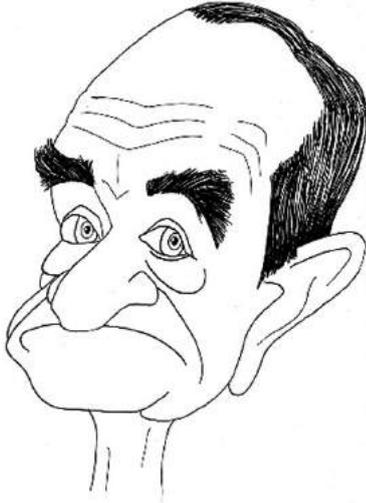
**J. Maciel Brito** - Vejo o seguinte: que essas novas mídias, nós não podemos abrir mão delas. Temos que tê-las como nossa parceira sem, contudo, abandonar o livro, a leitura e a literatura.



*Algumas das obras de José Maciel de Brito*

## CURIOSIDADES LITERÁRIAS

Por Lucas Peres



Estranhamente, João Cabral escreveu um poema sobre a Aspirina, que tomava regularmente, chamando-a de “Sol”, de “Luz... De fato, desde sua juventude, João Cabral tomava de três a dez aspirinas por dia. Em entrevista à “TV Cultura”, certa vez, ele contava que boa parte da inspiração provinha da aspirina, que a aspirina o salvava da nulidade!”

O primeiro acidente de automóvel no Brasil foi causado pelo poeta Olavo Bilac. Ele bateu numa árvore em 1897.



Monteiro Lobato é o autor da frase “um país é feito de homens e livros”. O escritor revolucionou o mercado literário em uma época em que o Brasil tinha poucas livrarias. Seus livros eram vendidos em mercearias, armazéns e farmácias, fomentando de maneira criativa a cultura em nosso país. O Dia do Livro Infantil é lembrado em 18 de abril (aniversário de Monteiro Lobato).

Apeles, o irmão de Florbela Espanca, faleceu num trágico acidente de avião. A sua morte foi para a autora realmente dolorosa. A poetisa antes de cometer suicídio (1930) teria deixado uma carta confidencial com as suas últimas disposições, entre elas, o pedido de colocar no seu caixão os restos do avião pilotado por Apeles, na hora do acidente.



Fonte: <http://areiaepoesia.blogspot.com.br/2011/05/curiosidades-sobre-florbela-espanca.html>  
<http://publiki.me/20-curiosidades-literarias-que-voce-precisa-saber/>  
<http://guiadoscuriosos.uol.com.br/categorias/403/1/literatura.html>

# PRODUÇÃO ACADÊMICA

Por Daniela Faria

O movimento modernista representa a ruptura com padrões pré-estabelecidos. Suas principais características são: o distanciamento do sentimentalismo, espírito dinâmico, acompanhando as transformações tecnológicas, espírito crítico e questionador, linguagem cotidiana, oposição às normas, originalidade e ruptura com o passado, numa atitude renovadora.

Dentre os renomados escritores desse período, destacamos Almada Negreiros que, através de suas atividades reflexivas, desenvolveu uma obra relativamente vasta e bastante diversificada, no campo da literatura e das artes plásticas.

Na obra literária de Almada, o que se destaca é o valor que ele dá à palavra, compreendida como meio essencial de conhecimento do mundo e de si mesmo. Trata-se, portanto, de um autor crítico por excelência, que através de uma linguagem simples, beirando a ingenuidade, e sem sofisticação de termos ou de construções, como podemos averiguar no texto de Daniela Leite Alves de Brito, com foco no Livro *A invenção do dia claro*, do referido autor.

## Almada Negreiros e a Invenção de uma Escrita Espontânea

*Daniela Leite Alves de Brito*

O Livro *A Invenção do Dia Claro*, escrito por José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970), pertence ao período literário do Modernismo em Portugal. Esse período representa a ruptura com os padrões clássicos, e teve como marco inicial a publicação da *Revista Orpheu* (primeira geração Modernista), em que Almada Negreiros, junto com Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, formou o primeiro grupo modernista da época; e que, mais tarde, inspirou as gerações do Presencismo e o Neorrealismo com outros grandes autores.

A obra de Almada Negreiros é caracterizada, esteticamente, por não seguir normas fixas de criação. O livro *A Invenção do Dia Claro* apresenta uma estrutura textual

fragmentada, cujas narrativas são marcadas por períodos curtos e longos.

A linguagem é coloquial, uma das características próprias do Modernismo. Almada não segue os padrões ditos “corretos”, segundo as normas cultas. Constrói uma narrativa livre dos paradigmas literários, uma escrita espontânea, por isso, a obra pode ser compreendida por qualquer público.

Almada busca retratar o que é novo e original, com simplicidade, tendo como pano de fundo a observação dos fatos sociais, os quais Almada busca descrevê-los criticamente, afinal, “--O pequeno é como o grande./--O que está em cima é análogo ao que está em baixo./--O interior é como o exterior das coisas./--Tudo está em tudo.”.

Nos primeiros fragmentos, o autor fala da história da escrita, de uma forma bem particular, não segue conceitos, apenas comenta a criação artística do homem, “*Os signaes que elle gravou na pedra para medir a luz por dentro das pessoas*”. Almada inicia com a abordagem sobre os primeiros registros em pedras, feito pelos homens, os hieróglifos e segue até o processo de criação e inovação das letras. Assim, implicitamente, Almada deixa transparecer a evolução da Língua Portuguesa, o percurso que fez o latim, a primeira língua oficial dos povos romanos, até se transformar no português moderno.

Em a *Invenção do dia claro* é perceptível a valorização que Almada Negreiros dá à escrita. O narrador-personagem afirma que gosta de escrever, de brincar com as palavras, cita: “é preciso festejar todos os dias o centenário das palavras”. Dessa forma, mostra a importância da escrita e exalta a riqueza que ela nos proporciona.

Um dos aspectos marcantes nos textos são as confidências do narrador-personagem com sua mãe, transmitindo para o leitor confiança somente nela, conta a ela o que poderia acontecer com ele ou o que já aconteceu, recorda-se de situações ocorridas em sua infância, da viagem que fez à Paris, onde desejou muito que ela

estivesse com ele. Essas confissões do narrador-personagem revelam o aspecto infantil da obra.

Outro aspecto que se percebe nos textos de Almada Negreiros é a escrita do Português do início do século XX. Bastante diferente do Português atual de Portugal e, mais ainda, do Português brasileiro. Palavras como *quasi, iguaes, geito, quaes, veiu, taes, somno*, são palavras que, segundo a norma padrão da língua portuguesa atual, caíram em desuso. Mas que podem ter sido resgatadas pelo autor intencionalmente para confrontar com as novas propostas de linguagem modernista da época. Essa forma de escrita do português antigo, nos dias atuais, se fizer um trabalho de transcrição fonética através da oralidade, ficariam semelhantes às palavras acima.

Mais um exemplo no texto, é quando aparecem, em um mesmo parágrafo, duas palavras com o mesmo significado e escritas de formas diferentes: *paíz* com (z) e *país* com (s), o autor faz uso da escrita antiga e moderna, mostrando a liberdade de fazer a arte da escrita, de criar novas formas estilísticas.

Enfim, Almada Negreiros objetiva passar para o leitor as impressões de um texto moderno, que fez ruptura com os padrões clássicos da época.

#### Referências

FERNANDES, Márcia. Toda Matéria. Modernismo em Portugal.

Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/modernismo-em-portugal/>>. Acesso em: 28 de março de 2017.

NEGREIROS, José Almada. A invenção do dia claro. Lisboa, Portugal. Olisipo, 1921. 28 pag.

## OS DESAFIOS DO ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

*Lady Sakay<sup>2</sup>*

**A**o iniciarmos as discussões a respeito do ensino da Matemática na educação escolar indígena, é importante resgatarmos os princípios que são ressaltados por parte do Ministério da Educação (MEC): respeito à interculturalidade, ao multilinguismo e a etnicidade. Mas, se formos traduzir estas três palavras nas atuais propostas de educação que estão sendo desenvolvidas com as comunidades indígenas teremos uma resposta afirmativa?

A constituição de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), o atual Plano Nacional de Educação e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998) colocam a exigência de uma educação diferenciada. Mas podemos, a partir de uma reflexão que faz D'Ambrósio (1994, p.93) sobre a Matemática, onde os cerca de 193 países, dentre os quais 184 fazem parte de uma estrutura supranacional (Organização das Nações Unidas), aderem não só a um modelo socioeconômico e político único, mas também aos seus sistemas educacionais praticamente iguais, e somente cerca de 6.000 nações constituem minorias, ou seja 10 a 15% da população total do planeta, podemos dizer que infelizmente a Matemática foi uma das manifestações culturais que conseguiu se tornar predominante, o que traz sérias dificuldades conceituais para qualquer cultura, mas principalmente a indígena.

Para diferenciar o conhecimento matemático indígena do não índio D'Ambrósio (1994, p.5) diz que "... a geometria do índio

é colorida, enquanto a geometria grega eliminou a cor. E a aritmética do índio é qualitativa, enquanto a aritmética do branco é pura codificação quantitativa".

A defesa da escola indígena como uma educação de cada povo, no qual se assegure e fortaleça a tradição e o modo de ser indígena, "...a compreensão do processo histórico em que estão envolvidas, a percepção crítica dos valores e contravalores da sociedade envolvente, e a prática da autodeterminação" (BRASIL, 1993, p. 12).

O processo de construção dessa educação indígena enfrenta barreiras de concepção, dentre as quais destacamos algumas dentro do campo da Matemática: o uso da escrita e formulação excessiva dentro de uma cultura oral; a tradição e organização da comunidade em torno do coletivo; a concepção de ensino em momentos e espaços não delimitados; o uso do conhecimento, e outros.

Para demonstrarmos essa variação, vamos nos ater somente aos diversos termos para designar os sistemas de contagem de a que algumas de etnias.

A variedade cultural e linguística nos mostra a diversidade de concepções que se tem somente no aspecto da contagem e da formulação de agrupamentos variados, que tomam como referência situações vivenciadas no cotidiano, mas que não são registrados em fórmulas matemáticas. Em situações problemas, não são empregados os números e sim as referências da natureza.

Ferreira (1994) coloca que a visão do

BASES*	LÍNGUA/ETNIAS	OBS
Base um	Kampa (Aruák)	Correspondência biunívoca. Cada objeto para cada pessoa ou cada elemento que será utilizado. Um ovo para cada filho, ou um cesto para cada família e para maior quantidade utiliza a palavra vários.
	Kulina (Aruák)	
	Tenharim (Tupí-Guaraní)	
	Nadëb (Makú)	
	Sanuma (Yanomami)	
	Pirahã (Mura)	
Base dois	Xerénte (Jê)	Possui três variações: sentido literal dos termos numéricos; reduplicação dos numerais; uso de duas palavras (par e ímpar) em várias combinações.
	Xavánte (Jê)	
	Guaraní (Tupí-Guaraní)	
	Guajábara (TupíGuaraní)	
	Tembé (Tupí-Guaraní)	
	Parakanã (TupíGuaraní)	
	Kayabí (Tupí)	
	Boróro (Macro-Jê)	
	Kayapó (Jê)	
Base três	Atroarí (Karib)	Agrupam de três em três. Termos ternários.
Base cinco	Mundurukú (Tupí)	Tem a mão como referência.
Base dez	Palikúr (Aruák)	Utilizam agrupamentos, mas não o mesmo sistema da nossa base dez.
Base vinte	Karajá (Macro-Jê)	Sistemas são quinários e usam como referência os dedos das mãos e dos pés.
	Rikbaksá (Macro-Jê)	
	Urubú-Kaapor (Tupi-Guaraní)	
	Kadiwéu (Guaikurú)	
	Karitiána (Arikém)	
	Makuxí (Karib)	
	Parecis (Aruák)	

Fonte: Andrade, 2008 (p.34-38)

Índio ao estudar a matemática significa dominar a matemática dos brancos, como uma forma de atuar de maneira precisa nas negociações econômicas. Borba e Costa (1996) refletem que as várias formas de valores e concepções de mundo refletem na matemática, pois está sendo um produto cultural, os vários grupos que dela fazem uso a interpretam de forma diferente, segundo suas concepções de mundo.

Para o povo indígena não existe a separação entre o trabalho manual e o intelectual, tudo ocorre no mesmo espaço e ao mesmo tempo. As propostas de ensino da matemática precisam construir o equilíbrio entre a matemática acadêmica e a matemática de cada povo, que seja uma ponte de significação, e que possam utilizar esses conhecimentos de forma que uma complemente a outra.

## Referências

ANDRADE, Leila. Etnomatemática: a Matemática na cultura indígena. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Diretrizes para uma política nacional de educação escolar

indígena. Brasília: MEC-SEF-Comitê de Educação Escolar Indígena, 1993.

\_\_\_\_\_. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Etnomatemática no processo de construção de uma escola indígena. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.63, jul./set. 1994.

FERREIRA, Eduardo Sebastiani. A “Matemática-Materna” de algumas tribos indígenas brasileiras. In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA. Coimbra. Portugal. 1994.

## ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DO POVO KRAHÔ

*Marcilene de Assis Alves Araujo<sup>3</sup>*

Os Krahô constituem uma ramificação dos Timbira que compõem o grupo indígena Oriental, situando-se à margem direita do Rio Tocantins, combinando o domínio da Amazônia, do cerrado e do pantanal brasileiro. Os Krahô pertencem à Família linguística Jê, do tronco Macro Jê, segundo Rodrigues (1986). Localizam-se na terra indígena Kraolândia, com uma superfície de 302.353 mil hectares, município de Goiatins-TO, às margens do rio Manoel Alves Pequeno. Segundo Albuquerque (2013), os Krahô se autodenominam “mêhĩ”, termo atribuído a todos os povos falantes de sua língua e que vivem conforme a mesma cultura. Atualmente, “mêhĩ” é associado aos membros de todo grupo indígena. Dessa ampliação, surgiu o termo “cupẽ” denominando todos os não indígenas.

A sociedade Krahô é dividida em duas metades sazonais: Catãmjê e Wacmêjê. Essas designações são recebidas logo ao nascer por um parente próximo. A metade Catãmjê está relacionada ao período chuvoso e os indígenas pertencentes a ela têm a pintura corporal marcada por

traços na horizontal, preferem as folhas de palmeira verde escuro para seus enfeites, estão ligados à noite, ocupam o lado oeste do pátio, na periferia da aldeia. A metade Wacmêjê está relacionada ao período da seca, a sua pintura é feita na vertical, preferem folhas de palmeira verde claro para seus adornos, e, por sua vez, ocupa o lado leste do pátio, situando-se mais ao centro da aldeia. Segundo Melatti (1967), a escolha do nome próprio é que determina a metade a qual o indivíduo pertencerá, havendo uma lista de nomes pessoais pertencentes a cada uma das metades.

As metades Catãmjê e Wacmêjê têm funções importantes no cotidiano da aldeia bem como nos cerimoniais, quando cada qual tem a indicação dos representantes que se responsabilizarão por todas as atividades realizadas em cada época. De acordo com Melatti (1967), os homens da metade Catãmjê, ao iniciar o período da seca, elegem dois indígenas do sexo masculino para serem prefeitos e governarem a aldeia, durante essa estação, cujo período perdura por seis meses. A essas pessoas, são atribuídas as funções

de orientar os demais indígenas sobre as tarefas a serem realizadas durante esse tempo. Quando inicia o período chuvoso, é a vez dos homens da metade Wacmêjê elegerem novos prefeitos para governarem durante seis meses, os quais vão desenvolver as mesmas atividades que a outra metade desempenhou durante a estação da seca. Para Melatti (1967, p. 64) “[...] cabe-lhes fazer a partilha da caça abatida, evitar as discussões e brigas na aldeia; dar recomendações aos cônjuges que ameaçam separar-se para que não o façam; ir à frente de todos os trabalhos coletivos; entre outras tarefas.”

No âmbito doméstico, o povo Krahô apresenta uma constituição de família extensa matrilocal. O jovem recém-casado passa a morar na casa da esposa, mantendo obrigações com seus sogros e cunhados. É levado a trabalhar para a família na roça do sogro, residindo na casa dele até o nascimento do primeiro filho. Após isso pode morar em outra casa, desde que seja construída nas proximidades da residência do sogro, permanecendo a ligação com a família da esposa, tornando-se, de fato, um membro dela e constituindo a família uxorilocal, conforme Albuquerque (2013).

Geralmente, os Krahô não proíbem os casamentos interétnicos, mas os desaprovam. Foram raros os casos de relações de indígenas com não indígenas encontrados no âmbito da Aldeia Manoel Alves Pequeno, e quando ocorrido, o tipo de família a ser constituído segue os parâmetros do sistema cerimonial e político do grupo. Se é um indígena que se casa com uma não indígena, ele

deixa a aldeia e acompanha a esposa, passando a conviver com a esposa fora da aldeia; se é uma indígena que se casa com um não indígena, ela permanece na aldeia e o marido vem conviver com ela, sujeitando-se à observância dos deveres e direitos atribuídos pelo grupo no qual passa a conviver.

As aldeias Krahô têm uma organização em formato de círculo, as casas são dispostas a igual distância de um centro, “o pátio” (*câ*). Segundo Albuquerque (2012), a aldeia é como um diagrama em que se imprimem e se descobrem as relações dos homens com a natureza e as relações desses com as categorias que os governam. Desse modo, as casas são todas construídas em torno desse grande pátio, o centro da aldeia, sendo que cada casa se liga a ele pelo seu próprio caminho. As casas adjacentes representam uma ligação estabelecida pelos parentes femininos, formando um grupo chamado segmento residencial. Segundo Melatti (1972, p. 8) “geralmente um homem evita se casar no mesmo segmento em que nasceu, o que faz com que tais grupos tomem um caráter exogâmico”, mas os limites de consanguinidade ainda são um tanto quanto arbitrários. Ainda segundo Melatti (1967), o movimento que as pessoas fazem ao utilizar o espaço circular da aldeia expressa o modo como eles se relacionam: as relações estabelecidas com os consanguíneos e com os não parentes. Quando as mulheres atravessam o pátio indo de uma casa à outra, percorrendo o caminho radial, tem-se um indicador de que a relação é estabelecida por alianças matrimoniais, amizade formal, nomeação,

enfim. Ao fazerem o movimento circular demonstram as relações de parentesco.

Essa disposição espacial das casas, também, define domínios sociais importantes, ligados a papéis e funções dos indígenas na aldeia. O círculo maior, composto pelas casas, delimita a parte periférica da aldeia, sendo o lugar das atividades domésticas vinculadas à produção, lugar das relações afetivas familiares, espaço da mulher. Esse domínio se contrapõe ao espaço central, o pátio, lugar onde acontecem as reuniões e tomada de decisões, lugar de realização dos ritos, espaço do homem. Esse espaço central só é ocupado por mulheres quando elas são chamadas ou estão participando de rituais. De acordo com relato do cacique da aldeia, toda manhã os homens se reúnem para o planejamento do dia e, à tarde, para fazerem avaliação do ocorrido nas atividades do dia. Sendo assim, os encontros no pátio são diários e servem para tomadas de decisão e aconselhamento, sempre coordenado pelas lideranças, as quais, são funções

destinadas aos homens Krahô.

As pinturas indígenas têm seus significados e suas funções sociais estabelecidas culturalmente pelo povo onde é feita. Para os indígenas a pintura corporal tem sentidos diversos, não apenas vaidade, mas valores considerados e transmitidos por meio de gerações. Entre os Krahô a pintura corporal é utilizada como uma forma de distinguir a divisão interna do grupo, funcionando como um código social cada uma delas indica uma situação específica: guerra, nascimento de filhos, rituais, luto, casamento etc. Os materiais utilizados normalmente são tintas como o urucum que produz o vermelho, o jenipapo do qual se adquire uma coloração azul marinho quase preto, o pó de carvão que é utilizado no corpo sobre uma camada de suco de pau-de-leite. Além disso, os indígenas não se pintam aleatoriamente, mas usam motivos baseados na natureza. Padrões como a espinha de peixe, a casca de jabuti, os rastros da cobra, do veado e da onça são muito comuns.

### Referencias

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais. In: SILVA, Norma Lucia da & VIEIRA, Martha Victor (orgs). Ensino de historia e formação continuada: teorias, metodologias e práticas. Goiânia: PUC, 2013.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (org) Arte e Cultura do Povo Krahô. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2012.

ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves. Eventos de interação nos rituais Krahô (Jê): contribuições pra o ensino bilíngue na Aldeia Manoel Alves Pequeno. Tese de doutorado, UFT-Araguaína, 2015.

MELATTI, Julio César. Índios e criadores: A situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins. Vol. 3. Rio de Janeiro: Monografias do I.C.S, 1967.

\_\_\_\_\_. O Messianismo Krahô. São Paulo, Herder, 1972.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

# OUTRAS ARTES

## A VOZ SILENCIOSA DO GRAFISMO: FONTE DE CONHECIMENTOS E PERPETUAÇÃO DE UM POVO (PARTE 1)

*Ilka da Graça Baía de Araújo<sup>4</sup>*

*O corpo humano é “a tela onde os índios mais pintam e aquela que pintam com mais primor” (Darcy Ribeiro)*

### UM POUCO SOBRE O GRAFISMO INDÍGENA

No período de colonização no Brasil, o grafismo demonstrado pelos grupos indígenas sempre foi alvo da atenção de desde a chegada dos primeiros europeus ao Brasil. A beleza dos desenhos surpreendia os não indígenas, principalmente porque os indígenas pintavam seus corpos, como também decoravam peças utilitárias da etnia (VIDAL, 2007, p.13).

Por muito tempo, essas pinturas foram pouco estudadas pelos europeus, sendo considerada apenas uma atividade lúdica ou artesanal, sem maiores significados dentro da cultura indígena, a não ser pelo mero prazer da decoração. No entanto, em décadas passadas, os pesquisadores e estudiosos da área perceberam que o grafismo dos povos indígenas ultrapassa a estética étnica, podendo ser considerado como um código de comunicação complexo, que exprime a concepção que um grupo indígena tem sobre determinado(s) indivíduo(s) e suas relações com os outros índios, com os espíritos, com o meio onde vive, entre outros motivos.

A partir dessa nova concepção do grafismo, a sociedade nacional passa a ter um novo olhar sobre essa arte indígena. Não apenas a arte pela arte, mas como uma fonte rica de conhecimentos e perpetuação de um povo. Para Ribeiro (1991, p.152), os recentes estudos sobre a arte indígena proporcionam um foco mais profundo, tanto às expressões, como também aos conteúdos existentes nas manifestações estéticas, caracterizando-as como veículo de comunicação da identidade cultural dos grupos humanos que as cultivam.



Fonte: <http://instaprints.com/featured/pintura-corporal-asurini-body-painting-karina-menezes.html>



Fonte: [http://1papacaio.com.br/modules/Sala\\_aula/gallery/pesquisa/historia/indios/fotos/](http://1papacaio.com.br/modules/Sala_aula/gallery/pesquisa/historia/indios/fotos/)

Pintura Feminina



Pintura Masculina



Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/artes>

<sup>4</sup> Graduada em Letras Português/Inglês - UNIRG-TO. Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior. Mestra em Linguagens e Práticas Sociais pelo Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – UNUCSEH/UEG. Professora nos Cursos de Letras, Fisioterapia e Medicina, do Centro Universitário UnirG/2017. [Ilkga.araujo@gmail.com](mailto:Ilkga.araujo@gmail.com)

## A diversidade dos Grafismos

Cada etnia possui características particulares que dão, aos traçados, elementos capazes de estabelecer diferentes significados e objetivos. Por exemplo: na etnia Asurini, ao elaborarem a pintura corporal utilizam desenhos com “padrões geométricos e elementos da natureza”. Isso ocorre entre eles pelo fato de existir uma “liberdade de criação ou inovação da pintura corporal (PREDES; ZORZO, 2011)

Entre os Xavantes existem padrões de geometria de retângulo duplo, os quais são aplicados sobre o estômago e nas costas, simbolizando o caráter humano.

Já os padrões Karajá, segundo Fenélon (1992), são geométricos os seus desenhos e, em muitos casos, designam nomes presentes na fauna regional. Nessa etnia, os adolescentes de ambos os sexos recebem uma pintura no rosto – a *Komamuré* – que é uma marca distintiva da tribo. Essa é feita de incisões circulares sob os olhos.

Outro exemplo a ser citado aqui são os índios Wajãpi. Segundo Gallois (1992), os grafismos elaborados por eles não dizem respeito às categorias sociais, nem aos motivos “reservados para classes sociais, nem do cotidiano da tribo”. Antes, seu significado está ligado à cosmologia e mitologia, que se associam a uma espécie de metamorfose gerada da aproximação das pessoas com os mortos. Além dos corpos, os indígenas também elaboram pinturas na cerâmica, nos artefatos de palha e madeira. Utilizam também a miçanga, que é um material já proporcionado pela sociedade nacional, quando de seu contato com as etnias.

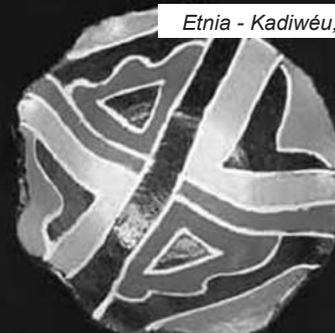
A seguir, quatro cumbucas de cerâmica, produzidas por uma etnia diferente, com seus grafismos tradicionais:

**Curiosidade:** Ao pintar seu próprio corpo, o indígena demarca seu lugar dentro de seu mundo, de sua cultura, e no mundo do não indígena. E ele o faz com precisão e rara beleza.

Etnia - Wai Wai, do Pará



Etnia - Kadiwéu, de MS



Etnia Asurini – Pará



www.lande.art.br

Etnia Mehinaku, do Parque do Xingu/MG



### Referências

THIÉL, J. *Pele Silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Práticas Docentes, 3).

VIDAL, L. *Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992.

RIBEIRO. B.O *Índio na cultura brasileira*. Editora Revan, Rio de Janeiro, 2 edição, 1991.

Link: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/artes>

## MATEMÁTICA INCA

A matemática está presente em tudo e não é de hoje que percebemos a sua importância.

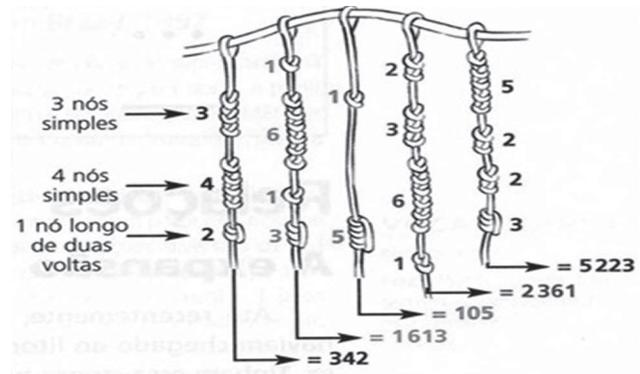
A civilização Inca descobriu uma forma de contagem bem diferente. Os incas usavam 'nós' em cordas para contabilizar de forma minuciosa todo tipo de informação, como estocagem, mineração e mão de obra. Essas cordas eram chamadas de Quíchuas e os 'nós' eram os Quipos. Esses objetos, além de servirem para a numeração, também serviam para registrar datas importantes, leis de tratados de paz, entre outros.

Os incas diferenciavam essas informações conforme os 'nós' eram feitos e, sendo assim, não confundiam uma informação com a outra.



Fonte: <http://didaticaematematica.weebly.com>

Fonte: <http://histoblogsu.blogspot.com.br/>



## A GUERRA DOS PONTOS

*Silvia Helena Marrafon*

Era mais um daqueles textos, repleto de ideias e frases organizadas, e tudo parecia estar dentro das regras, com toda a estrutura gramatical exigida. No entanto, algo estranho acontecera. Os pontos decidiram não pontuar.

O primeiro a se manifestar foi o Travessão que, naquele dia, não queria mais ser um diálogo e nem vir depois dos dois pontos. Como não tinha argumentos para reivindicar, insultou logo de cara a Dona Vírgula, que vivia explicando e pausando. Dona Vírgula era muito calma, nunca tinha preguiça de esclarecer as ideias e adorava citar qualidades. Porém,

antes que começasse sua lenta explicação, um grito a interrompeu. Era a Exclamação, que estava de saco cheio de exclamar e chamar a atenção. Para entender melhor o que sucedera, a Doutora Interrogação iniciou uma audiência repleta de perguntas. Queria saber tudo. Não se cansava de perguntar... perguntar e perguntar... Para responder bem rápido, a Reticências entrou em ação e solucionou rapidinho a situação, apesar de não satisfazer a todos. Quando a Aspas resolveu destacar umas frases e palavras, veio o Seu Ponto Final e acabou de vez com aquela bagunça, finalizando o assunto.

## VITAMINA D'OURO

Fonte: Daniela Viera e Kleferson Xavier. Foto tirada em Palmas



I  
Sol cáldo, refulgente,  
tácito, resplandecente.  
Traz seu brilho dourado,  
inspira no poeta, um bocado...

Sol, em mim revive vitamina D  
“D” de dourar instigando solidez.  
Doura não em vão,  
força, intrepidez,  
aparta de mim a escuridão.

II  
O Tocantins é terra rica  
Rica em ‘vitamina D ouro’  
O sol fica ao nosso lado...  
Eita, povo acalorado!

Aqui dentre os seres,  
Os raios de rachar  
Estancam a frieza!

Aqui, eles,  
Até num destoar  
Reforçam nossa beleza!

Sol, braveza desse povo  
pertence ao estado novo.  
Símbolo nosso é o Girassol.  
Tocantins, a Terra do Sol!

*Lucas Santos*

## GEOMETRIA NA ARTE



Artista: Pablo Picasso  
Dimensões: 1,62 m x 1,3 m  
Criação: março de 1932  
Material: Tinta a óleo  
Período: Cubismo

O cubismo surgiu como uma forma de quebrar a cultura artística que prevalecia até o momento. Utilizando-se de cores fortes, frias ou vibrantes, trazia por meio de formas geométricas uma expressão artística viva, rica em sentimentos. Uma arte que é aparentemente mais livre e que dá a oportunidade de o artista expressar com mais clareza o que pretende passar. À primeira vista, as obras cubistas parecem apenas desenhos grotescos, cheios de riscos aleatórios ou formas geométricas sem sentido, mas olhando com um pouco mais de cautela é possível observar uma vasta riqueza de detalhes, mesmo com um desenho simples.

Na obra *Mulher em Frente ao Espelho*, de Picasso, que foi quem desenvolveu esse modelo de arte junto a Georges Braque, é possível observar duas faces diferentes de uma mesma pessoa. Um jogo de imagens em que, em parte, é visto como a mulher do quadro se mostra e como ela é realmente, isto é, como ela é no seu interior. A imagem da mulher é feita com tons mais vibrantes e alegres, enquanto a imagem mostrada no espelho, principal elemento da obra, é tingida de tons mais frios, que remetem a tristeza e sentimentos negativos. Essa obra é um ótimo exemplo do cubismo, pois mostra de forma clara a possibilidade de melhor expressão sentimental através do estilo que foi utilizado.

## RESSACA DE LEITURA

### BREVE ANÁLISE DO DISCURSO EM A CIDADE E AS SERRAS DE EÇA DE QUEIRÓS: PELO VIÉS DO RECORTE TECNOLÓGICO E DA RESSACA MORAL

*Plinio Sabino Sélis*<sup>5</sup>

É devido iniciar a análise discursiva com uma breve contextualização sócio-política e cultural da época – século XIX, notadamente de 1801 a 1900. É época em que a euforia tecnológica, propagada pela Revolução Industrial, marcou o século como um período de ascensão de diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Física, a Química fina e a Metalurgia, que foram as principais áreas de desenvolvimento científico, além das ciências humanas influenciadas por essas mudanças, por meio de novas áreas como a Sociologia e a Psicologia.

No século XIX, o desenvolvimento da Ciência ocorreu, sobretudo, na França e na Alemanha, em um contexto de efervescência filosófica e científica. Os dois países citados foram considerados os berços da moderna ciência, em época que compreender implicava interpretar, criar e analisar discursos ao mesmo tempo, isto é, mesclar elementos mais objetivos menos subjetivos, por um dos pontos de vista: o Positivista.

Relacionando os aspectos, acima mencionados, à breve análise do discurso em *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, faz-se uso de dois recortes: o viés tecnológico

e o viés de ressaca de fundo moral. Pelo viés da tecnologia, denota-se a sua eficácia ao caracterizar a compreensão, atrelada à discursivização, tornando possível entender diversos aspectos cognitivos humanos, responsáveis pela elaboração, produção e utilização de discursos. Quanto ao viés da ressaca moral, tem-se a sensação psicológica de algo ruim, causada por algum momento ou por situação desagradável, que pode ser notada, primordialmente, no comportamento de Jacinto, personagem principal da narrativa e, secundariamente, na postura do personagem-narrador, José Fernandes, por meio das observações que faz acerca do amigo.

Recortam-se, então, trechos significativos da obra que caracterizam aspectos da tecnologia e da ressaca moral. A começar pelo aspecto tecnológico, nota-se a inserção do tema no envolvimento do protagonista com a temática, principalmente, ao construir sua forma de pensar na relação entre os dois mundos por onde ele oscila: a cidade e o campo. Há uma condição pretensiosa de crítico acerca do progresso técnico, urgente e rápido, na virada do século XIX para o XX, além de preconização de uma relação entre as elites e as classes subalternas, como se pode notar na atitude de Jacinto, quando da reforma de sua propriedade no

<sup>5</sup>Pós-Doutorando em Psicologia, pela Universidad John Kennedy – Uk, Buenos Aires, Argentina; Doutor em Educação pela Universidad Evangelica Del Paraguay – UEP, Assunção, Paraguay (com revalidação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE); Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil; Especialista em Avaliação Institucional pela Universidade de Brasília – UnB, Distrito Federal, Brasil; Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Mato Grosso do Sul, Brasil; Professor Efetivo da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Araguaína, Tocantins, Brasil; e Centro Universitário UnirG, Gurupi, Tocantins, Brasil.

campo e da melhora das condições de vida dos trabalhadores. E, pela ressaca moral, além da infelicidade de Jacinto, entediado, doente, magro, abatido, ressaltam-se: a deformação moral dos habitantes da cidade, por sua superficialidade e comportamento luxurioso, conforme o desempenho da personagem Joana, a da cidade, amante de Jacinto; os incidentes da vida moderna que davam tédio a ele, Jacinto; que, com isso, se via decepcionado com a superficialidade das pessoas com quem convive, e com a tecnologia, que sempre o deixava na mão.

Exemplifica-se tal afirmação anterior com alguns trechos da obra, notadamente os que dizem respeito ao espanto do narrador-personagem ao presenciar coisas espantosas, tais como: o funcionamento de um telégrafo; elevador que liga dois andares do palacete; e aparelhos mecânicos, cheios de artifícios, no gabinete de trabalho; a amplidão da Quinta de Tormes contrastando com a estreiteza do universo tecnológico do 202, o que aponta para a oposição entre o

espaço civilizado, por assim dizer, e o espaço natural, presente em todo o romance; a introdução de algumas inovações no campo, por Jacinto, quais sejam o desenho de futuras hortas, o planejamento de bibliotecas na Quinta, o recurso de banheiras e vidros desconhecidos dos habitantes do lugar; a instalação de uma linha telefônica na serra.

Disso tudo, em síntese, a moral sempre aparece no dia seguinte com lembranças, que corroem a mente de sua vítima. Jacinto renasce: uma mudança existencial, passando a achar que Paris era uma ilusão, em que tudo era abafado. Assim, na Cidade, finda a sua liberdade moral: cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência, pobre e subalterno, e a sua vida passa a ser um constante solicitar, em uma sociedade que o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, prazer, ritos, serviços mais disciplinares que os de um cárcere ou de um quartel.

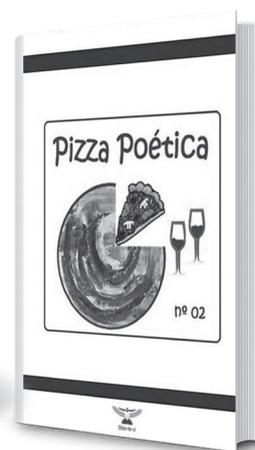
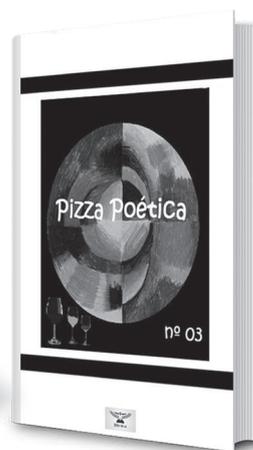
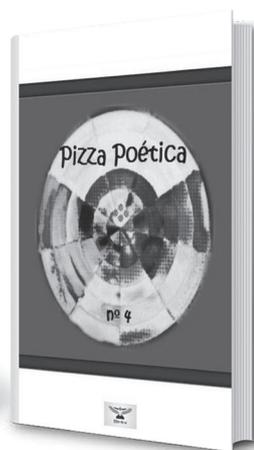
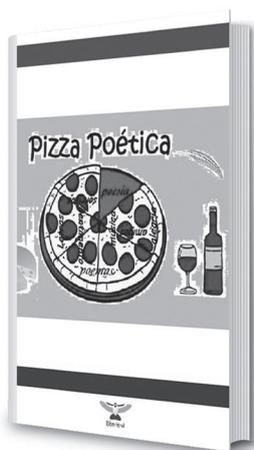
### Referências

- COMTE, A. A Filosofia positivista e o estudo da sociedade. In: GARDINER, P. Teorias da história. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1995. pp. 90-103.
- ELIAS, N. O Processo civilizador, 1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- FONSECA FILHO, C. História da computação: O caminho do pensamento e da tecnologia. Porto Alegre, RS: EDUPUCRS, 2007.
- GREIMAS, A. J. Sobre o sentido: ensaios semióticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- LE GOFF, J. História e memória. Lisboa: Edições 70, 2000.
- QUEIRÓS, Eça de. A Cidade e as Serras. São Paulo: Babel, 2012.
- SOUSA, Rainer. Arte, ciência e literatura no século XIX. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/arte-ciencia-literatura-no-seculo-xix.htm>, acessado em 12.10.2017, às 14:30.



edições  
**bem-te-vi**

## ***SÉRIE PIZZA POÉTICA***



## ***SÉRIE BEIJU POÉTICO***

